

Tratamento de assuntos de interesse político relevante
Intervenção da Deputada Valdemira Gouveia
- Um Género de Revolução -
Horta, 17 de junho de 2021

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente do Governo

Senhoras e senhores membros do Governo

Se é certo que somos animais políticos (no sentido clássico do termo), também o é que nos enredamos, com a rapidez de um reflexo, nas guerrilhas partidárias desgarradas das necessidades e dos interesses concretos daqueles que representamos nesta Casa.

É aqui que ouvimos o descontentamento que nos permite identificar rigorosamente as necessidades da nossa população e encontrar soluções baseadas na melhor evidência existente.

Este é um manifesto desafio a que os trabalhos nesta casa, tenham como guia orientador os interesses da nossa População. Porque a realidade política é, o de que uma, crise social não afeta democraticamente a população.

Esta crise sanitária que todos nós atravessamos não é exceção.

A desigualdade de género sistémica que perpassa as várias dimensões da organização social não apenas na nossa Região, mas certamente também presente nela) tornam esta crise especialmente ameaçadora do progresso na esfera da igualdade de género – como de resto foi reconhecido recentemente pelo Secretário-Geral das Nações Unidas.

Segundo um estudo da Organização Internacional do Trabalho (coordenado pelo (ISCTE), as mulheres encontram-se numa posição especialmente vulnerável nesta pandemia, a começar pelo risco de exposição ao vírus: São as mulheres que desproporcionalmente exercem profissões de prestação do tempo e cuidados o que implica necessariamente proximidade física.

A isto adicionam-se os dados anteriores à pandemia, sobre a desigualdade salarial, que continuam a não ser encorajadoras, ainda que o nosso País esteja, ao que tudo indica, comprometido em diminuir essa desigualdade, a avaliar pela adesão à Coligação Internacional para a Igualdade Salarial (EPIC).

Ainda assim, as mulheres continuam a ganhar, em média (em termos absolutos) menos aproximadamente 15% do que os homens, e esta diferença acentua-se nos quadros superiores.

É certo que qualquer leitura desta estatística deve ser fina, sem cairmos em facilitismos. Mas ela não pode ser ignorada.

Importa estudarmos e atuar com rigor nos fatores que levam a esta desconcertante realidade crescente das mulheres terem mais escolaridade, e contudo, ocuparem menos cargos superiores e ganharem em media, menos do que os homens. E é fundamental fazer um estudo sistemático e rigoroso sobre isto na nossa Região Autónoma dos Açores, nomeadamente neste contexto pandêmico.

Sabemos por exemplo que segundo um estudo da Fundação Manuel dos Santos que as mulheres dedicam em tarefas domésticas o triplo do tempo que os companheiros dedicam e que isto acontece quer a mulher tenha uma atividade profissional remunerada ou não.

São as mulheres que representam mais de 80% dos beneficiários de apoio excepcional dirigidos aos pais para ficarem em casa em contexto de doença de filho até 12 anos.

Tudo isto condiciona o acesso a oportunidades de investimento profissional e, conseqüentemente, de progressão da carreira.

Importa mapear esta realidade na nossa Região.

É também da responsabilidade desta casa promover as mudanças necessárias à redução das desigualdades de género alicerçadas nesses estereótipos, nomeadamente através de campanhas e ações em contexto escolar e comunitário que visem a desconstrução de crenças datadas sobre género.

É incontornável que a pobreza é um problema social na nossa Região, mas qualquer ação política nesta matéria deverá considerar as especificidades socio culturais da nossa Região e não nos podemos empreender em contas matemáticas, porque a população não pode ser um conjunto de números.

O Partido Socialista foi sucessivamente dando passos no sentido de esbater esta lacuna, mas se é verdade de que tudo o que se fizer nunca será suficiente, não é menos verdade que muito foi feito, o que nos deve orgulhar.

Se olharmos para o RSI como um indicador da pobreza na Região concluímos imediatamente que resolvê-la implica um olhar rigoroso e cuidadoso para os fatores que estão na sua gênese.

Não só os constrangimentos da insularidade e poli-insularidade merecem a nossa reflexão, como também o papel que a desigualdade de género exerce no problema da pobreza na nossa Região.

Se olharmos para o emprego na Região é inquestionável a base histórica e cultural e política (temos que dizer com coragem) na origem da atividade profissional não pública, estar essencialmente ligada, à agricultura, à pesca e à construção civil. Falamos não apenas de

empregos com qualificações e conseqüentemente baixos salários. E com profunda relação com a identidade cultural da Região, como também essencialmente masculinizados, o que nos dá as pistas para a compreensão da baixa taxa de atividade laboral feminina na nossa Região.

SR Presidente da Assembleia

Sras. e SRS Deputados

SR Presidente do Governo

Senhoras e Senhores Membros do governo

Atuar nos aspetos sócio culturais que estão na origem de uma parte significativa da atividade feminina estar circunscrita à atividade doméstica não remunerada, implica um trabalho profundo ao nível das crenças culturais e atitudes em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho, no sentido de promover uma maior autodeterminação das mulheres açorianas em algumas camadas populacionais e conseqüentemente um aumento do rendimento das famílias.

Fazê-lo implica necessariamente começar do ponto de partida: E este ponto de partida é a educação das nossas crianças para a igualdade entre os gêneros, sendo a escola o lugar privilegiado porque equalizador do acesso a essa informação independentemente da condição socioeconómica para essa mudança sociocultural. Temos de investir nesse compromisso com a desconstrução de estereótipos de género que alicerçam muitos dos indicadores acima mencionados.

Tem sido um caminho longo da promoção da igualdade entre os gêneros, desde o voto revolucionário de Carolina Beatriz Ângelo, até à presença corajosa da nossa querida Natália Correia.

Há, sem dúvida um longo caminho a percorrer, que só conseguiremos fazê-lo juntos e juntas, comprometidos com os valores da igualdade e do humanismo.

Disse